

## AS REDES SOCIAIS E A DISCUSSÃO SOBRE DEPENDÊNCIA AFETIVA NAS RELAÇÕES VIRTUAIS

Fabiano Simões Corrêa  
Sérgio Kodato  
(Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.)

### Resumo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado que teve por objetivo estudar as representações sobre a Internet no ambiente escolar. Nele apresentamos dados de entrevistas realizadas com alunos do ensino médio, em que tiveram a oportunidade de descrever e significar suas interações nas redes de relacionamento. Analisamos particularmente neste artigo os depósitos afetivos realizados por estes alunos em suas relações virtuais, dando especial atenção as relações com desconhecidos e discutindo de que forma estas novas formas de comunicação estão interferindo na sociabilidade destes jovens. Os resultados indicaram que os sites de relacionamento se transformaram na principal fonte de prazer e entretenimento da WEB para a maioria dos adolescentes, que os utilizam para trocar conteúdos, se aproximar de seus pares e ampliar suas possibilidades de contato. Também funcionam como uma ferramenta que lhes permite projetar seus desejos, sendo que em alguns casos com uma maior dose de imaginação e criatividade, aproveitando-se do conforto que o ambiente virtual lhes oferece.

*Palavras chaves:* Internet, Mídia, Relacionamento virtual, Redes Sociais, Subjetividade.

### Abstract

#### **Social Networks and the Discussion on Affective Dependence on Virtual Relations**

The purpose of this article is to analyze how the Internet is being signified at the school's environment. Data was collected through 18 individual interviews with students of a public Brazilian school. The interviewees were provoked to talk about their relationships on the Internet, in special the ones were maintained with strangers. The aim was to explore the effects of those relationships on the social adolescence's development. The results pointed out that the Social Medias had become the most important entertainment source on the Internet to those adolescents, which they are using to exchange digital content, to set up new contacts and to get deeper on them. They can also use the virtual environment to project the self-images they want, using in some cases a dose of imagination and creativity, by using the flexibility and liberty that Internet environment can provide.

*Key words:* Internet, Media, Virtual relationships, Social Medias, Subjectivity.

## Introdução

O final da década de 90 foi marcado por um intenso debate sobre os impactos que a Internet estaria provocando nas formas de se relacionar do homem pós WEB. Dois autores norte-americanos, Young (1998) e Greenfield (1999), participaram ativamente nesta discussão ao dizer que a utilização intensiva da Internet poderia causar vício (*Internet Adction*). Estes autores afirmaram encontrar em seus estudos casos de usuários “pesados” da Internet que os levaram a concluir que o seu uso intenso poderia causar dependência psíquica semelhante a encontrada em usuários de drogas psicoativas, podendo-se, em alguns casos, observar-se até mesmo crises de abstinência.

Segundo Nicolaci-da-Costa (2002a), estes discursos, percebidos como verdades científicas, foram rapidamente captados pelos veículos de comunicação de massa, ajudando a sedimentar o que a autora classificou como a “negatividade do discurso” sobre a Internet. Para ela, os jornais, o rádio e a televisão deram grande publicidade ao tema, dado o seu grande potencial de audiência. A preocupação com o “vício da Internet” tornou-se comum em programas de auditório e entrevistas, onde normalmente psicólogos eram chamados para debater sobre o tema

com pais preocupados com as relações estabelecidas pelos seus filhos na WEB.

No entanto, outros autores vieram a discutir estas afirmações, Castells (2001) ponderou que alguns estudos que sustentavam a tese sobre o “vício da Internet” e o “isolamento social” como consequência de seu uso intenso, lhe pareceram inconclusivos, sendo que no limite, o que poderíamos dizer a partir de suas pesquisas é “de que, sob certas circunstâncias, o uso da Internet pode servir como um substituto para outras atividades sociais”, mas que “de forma geral, o corpo de dados não sustenta a tese de que o uso da Internet leva à menor interação social e maior isolamento social” (p.104).

Preocupada com os efeitos da propagação deste discurso no senso comum, Nicolaci-da-Costa (2002a) realizou um estudo envolvendo sujeitos que poderiam ser classificados como usuários pesados da Internet. O objetivo da autora era de identificar possíveis impactos deste discurso na forma destes usuários significarem a sua relação com a WEB. Seus resultados a levaram a conclusão de que o discurso da negatividade sobre a Internet está cristalizado no senso comum de forma tão intensa, que mesmo quando as pessoas falam e refletem sobre experiências positivas na WEB, não

deixam de trazer seus temores sobre um suposto processo de isolamento social.

Trazendo luzes a esta discussão, alguns autores propuseram estudos inovadores com o objetivo de melhor entender os efeitos da WEB nos processos de subjetivação do homem atual. Prado (2006), por exemplo, conduziu um estudo em que demonstrou que relações psicoterapêuticas realizadas assincronicamente pela WEB também são capazes de produzir efeitos positivos. Um estudo de Cairoli (2008) desenvolvido com adolescentes no âmbito escolar demonstrou que os *blogs* virtuais produzidos por muitos adolescentes parecem servir a estes adolescentes como um interessante instrumento de significação e construção subjetiva. Leitão (2005) realizou um estudo em que entrevistou 16 psicoterapeutas para investigar em quais formas a Internet aparecia nos consultórios e o que percebeu foi que muitos pacientes a utilizavam como um instrumento para se projetar por auto imagens que lhes auxiliava em seu desenvolvimento, trazendo benefícios ao processo terapêutico.

### **Objetivos e metodologia**

Este artigo surge da análise de dados colhidos durante a realização de uma

pesquisa de mestrado intitulada “Um estudo qualitativo sobre as representações utilizadas por professores e alunos para significar o uso da Internet”, desenvolvida no Departamento de Psicologia da FFCLRP da USP. A pesquisa foi realizada numa escola pública do ensino médio no Estado de São Paulo, tendo como sujeitos 21 alunos e 10 professores e teve como objetivo estudar as representações da Internet no âmbito escolar, porém neste artigo abordaremos apenas os dados coletados com os alunos no que se refere as suas relações na WEB.

Um questionário com perguntas fechadas foi aplicado em todos os participantes. Seu objetivo era de verificar quais as principais ferramentas acessadas na WEB, sua frequência, objetivos e locais de acesso. Em seguida foram realizadas entrevistas de aprofundamento, através de um roteiro semi-estruturado que objetivava estimular os entrevistados pelos seguintes eixos: diversão, relacionamento, pesquisa e aprendizagem na Internet. Perguntas sobre como eles percebiam a utilização que faziam da Internet e como percebiam a forma que os outros percebiam a sua utilização também fizeram parte do roteiro.

Os dados coletados foram organizados, analisados e discutidos a partir da aplicação de técnicas da análise do conteúdo apresentadas por Bardin

(2011). Dois processos foram aplicados, sendo o primeiro uma análise estrutural, na tentativa de perceber a coerência interna dos discursos, e o segundo transversal, relacionando os discursos entre si através da repetição temática. Desta forma aprofundamos os temas abordados inicialmente no questionário fechado.

### **As interações nas Redes sociais**

Como já mencionado, *Diversão e Relacionamento* na Internet eram dois de nossos quatro eixos de Interesse na pesquisa. Várias associações foram feitas pelos adolescentes quando perguntados sobre “Diversão”, como jogar, assistir a vídeos e filmes, ler quadrinhos, visitar sites de interesse, ver fotos, ouvir músicas, ler e-books e até mesmo realizar pesquisas interessantes. Porém a associação mais frequente foi a de interagir pelas redes sociais; dos 18 entrevistados, 16 disseram se divertir nas redes sociais e apenas dois disseram não se interessar muito por este tipo de interação.

Manoela: Questão de entretenimento estas coisas, eu prefiro mais as redes sociais.

Gisele: É o Facebook. Aparece aquele monte de atualizações lá e você fica meio curioso. Não tem nada pra fazer

mesmo, vou checar. Aí é aquilo, você entra pra ficar quinze minutos, acaba se estendendo mais.

A maioria dos sujeitos disse adicionar em suas redes sociais pessoas de seu cotidiano. Também disseram visitar as redes de relacionamento de seus amigos, que se transformam em importantes fontes para fazer novos contatos e aumentar o seu círculo de amizades. É o caso de Vanessa que disse adicionar “amigos da escola, amigos da rua, ou de outra cidade assim que eu conheço” e de Rodrigo que adiciona amigos “da escola, da minha rua, de outras escolas (que) algum vizinho meu estuda, aí sai junto em festa e você faz amizade”.

Assim como no estudo de Medeiros (2008), que apontava para uma avidez dos adolescentes estudados em sua pesquisa em expandir ao máximo sua rede de relacionamento, o que na suposição da autora traria uma sensação de popularidade para os adolescentes, alguns sujeitos de nossa pesquisa pareceram possuir amplas redes de relacionamento, como o caso de Karina que disse “olha, o meu MSN tem quase oitocentas pessoas”; de Adriana que disse enviar “umas 500” mensagens no *Twitter* por dia, “você entra numa conversa com a pessoa, aí você vai *twitando*, todo mundo lê e *twita*” e de Sabrina que disse ter “mais ou menos uns 250, 300 seguidores” no *Twitter*.

Os sujeitos disseram trocar muitas mensagens publicamente em ferramentas como o *Twitter* e *Facebook*. Inúmeros *links* e colagens também são enviados transformando-se em fonte de entretenimento para todo o grupo. Fotografias pessoais também são compartilhadas. Desta forma os adolescentes parecem projetar sua imagem pelas redes sociais, que são reforçadas pelos *feedbacks* (curtir e comentários) de seus amigos. Uma espécie de construção social da subjetividade emerge no espaço virtual, sendo múltipla como são os diferentes interesses dos adolescentes, por postagens que podem ser fugazes como os comentários de Adriana que *twita* “ai eu vou na sorveteria” até aos *twiters* de Sabrina que disse utilizar estas ferramentas para expressar suas opiniões e “divulgar alguma ideia, algum devaneio que surge na minha cabeça”.

Alguns disseram usar as redes sociais para manter contatos com amigos e parentes que estão distantes, como por exemplo Vanessa que disse que “já morei em outras cidades então é o único meio de eu conversar”; de Adriana que fala com seus parentes, “os meus primos, eu sou da Bahia, então parte da minha família está lá, eu converso com eles assim” e de Alessandra que conversa com um amigo que se mudou, “eu tenho um amigo que ele

morava aqui, ai ele mudou pra Londres; ai eu converso com ele quase todos os dias pelo MSN”.

O comportamento de conhecer novas pessoas pelas redes sociais também pareceu ser frequente para muitos deles. As ferramentas de pesquisa são utilizadas para fazer contato com pessoas que estão interessados em conhecer melhor. Para isto basta descobrir o nome da pessoa e pesquisar. Francine, por exemplo, disse que participava frequentemente de provas de atletismo, competindo em jogos regionais. Como era muito vista por outros meninos, muitos deles a procuravam nas redes sociais; “eu conheci muita pessoa deste jeito; pelo MSN e no Orkut”. Vejamos a explicação para este comportamento na fala dos sujeitos abaixo.

Carolina: Muita gente conhece pessoas pela internet porque é mais fácil, né? tipo o cara é tímido ele não vai falar direto com a pessoa, né? ele te adiciona não sei em que rede social e tal. Ai começa por ali.

Rodrigo: Acho que é porque você não vê a pessoa né, ai a timidez não aparece tanto, você já conversa, fica mais fácil que pessoalmente.

A Internet se transforma em um espaço virtual de convívio onde os

comportamentos típicos da vivência juvenil se reproduzem. “Paquerar” é um destes comportamentos. Perguntamos aos sujeitos se costumavam usar as redes sociais para “paquerar” e a maioria, entre sorrisos de embaraço, confessaram suas “paqueras”.

Pesquisador: E nestes relacionamentos, rola paquera?

Juliana: (silêncio) ai, mais ou menos. Mais menino vem falar comigo do que eu vou falar com menino. Porque eu tenho namorado, né? (risos)

Pesquisador: Você paquera na Internet?

Rodrigo: Paquero. Mas conhecida, pessoa conhecida. Daqui da escola.

Um dado interessante na resposta de Rodrigo é que ao dizer que paquera pelas Redes sociais, destaca o fato que o faz com “pessoa conhecida”. Observamos esta preocupação em muitos outros adolescentes, o que nos pareceu indicar que alguns participantes projetaram no entrevistador a figura do adulto e com ele dialogaram sobre o alerta que lhes é feito constantemente sobre os perigos de se encontrar pessoas mal intencionadas na Internet, em especial pedófilos. Mas se parte dos adolescentes se demonstraram preocupados com esta questão, outros pareceram não se importar em fazer

amizades com pessoas desconhecidas na Internet. E sobre os depósitos afetivos realizados por este grupo em suas relações puramente virtuais que passaremos a dedicar maior atenção em nossa análise.

### **Amigos virtuais *versus* amigos do cotidiano**

A análise das entrevistas nos levou a formação de dois grupos: o primeiro formado por adolescentes que disseram não se relacionar com pessoas desconhecidas e o segundo por aqueles que disseram interagir com desconhecidos nas Redes Sociais. Pudemos perceber em alguns sujeitos do primeiro grupo uma valorização afetiva significativa nestas relações puramente virtuais, como se sentissem mais íntimos, com mais liberdade e com mais curiosidade do que com alguém que já conhecessem. A adolescente Juliana parece justificar este fenômeno ao dizer que isto ocorre “porque a pessoa que você conhece você já sabe tudo sobre ela; a pessoa que você não conhece você acaba tendo mais assunto, você acaba querendo saber mais da pessoa”.

Esta valorização afetiva em relações puramente virtuais foi percebida na fala de cinco dos dezoito entrevistados, enquanto os demais disseram preferir não interagir com desconhecidos. Este foi o

caso de Sabrina que disse não interagir com estranhos porque acredita “mais numa coisa real” e de Mirela que disse não se relacionar assim “porque a maioria é pedófilo”. Quanto aos cinco sujeitos que disseram se relacionar com indivíduos desconhecidos pela Internet, percebemos pelo conjunto de suas falas que a importância afetiva dada a estas relações variaram, de forma que alguns pareceram valorizar mais estas interações do que outros. Selecionamos assim dois casos em que esta valorização se demonstrou mais latente para aprofundarmos nossa análise, excluindo os outros três pelo fato de que, apesar de demonstrarem interesse em conversar com desconhecidos, não demonstraram um grau de envolvimento afetivo importante nestas relações.

Uma delas foi Miruna, uma jovem de 18 anos, sendo a mais velha entre todos os sujeitos entrevistados e cursando o terceiro ano do ensino médio. Disse que tinha computador em casa, mas que ele “pifou”. Agora usava o *notebook* do seu tio e que também possuía acesso pelo celular. Pareceu navegar intensamente pela Internet ao nos dizer que ficava “o dia todo” *on-line*, mas observou que “às vezes eu nem tô lá, mas (o computador) fica ligado”.

Miruna disse que o computador “é uma ferramenta que anda sendo muito útil hoje em dia”, mas que “tem o lado

negativo também”. Ao incitá-la a falar mais sobre isto, disse que o lado positivo é que a Internet poderia ser utilizada para fazer pesquisas e que é “muito mais prático”. Disse que foi graças a estas pesquisas que descobriu o que gostaria de fazer o curso de agronomia. Sobre o lado negativo, disse que dependendo do momento (sua utilização era) inútil; porque tem hora que não tem necessidade de eu estar ali”. Disse que sua mãe pensa que seu uso é exagerado e que constantemente lhe diz “ai você não desgruda, não sai daí”, mas que quando lhe vê fazendo lição no computador fica feliz e lhe diz “agora sim você tá usando pra alguma coisa, assim você tá fazendo certo”.

Logo no início da entrevista nos disse que na semana anterior havia reencontrado uma amiga de infância, valorizando a ideia de utilizar as redes sociais como um espaço de encontro. Disse que sua amiga tinha sua idade, mas que já havia se casado, tido filhos e que estava “adorando” este reencontro. Aos perguntarmos se passava mais tempo na WEB conversando com desconhecidos ou com conhecidos pessoalmente, pareceu não saber ao certo, dizendo que “acho que eu chego a conversar mais com pessoas que eu conheço mesmo, que eu tenho contato físico, mas é quase a mesma coisa”.

Em um momento da entrevista, também pareceu falar sobre dificuldades nos seus relacionamentos pessoais ao dizer que “hoje em dia amizade acho que é só pai e mãe mesmo; aqui mesmo, tem muito colega mas, sabe aqueles tipo morde e assopra” e que por isto, “as vezes” era mais fácil se relacionar com pessoas que “você não tá tendo contato”. A este respeito disse que “é capaz de eu considerar mais colega meu (o amigo virtual) que um próprio que tá do meu lado”, justificando que isto acontecia por causa da afinidade dos assuntos que tinha com seus amigos virtuais e que tinha a oportunidade de “conhecer coisas” através deles. Quando perguntamos se acontecia “paqueras” nestes relacionamentos, disse que os três namorados com quem teve relação até então foram conhecidos na Internet.

Eu conheci, depois a gente se conheceu pessoalmente e aí a gente namorou. O meu primeiro namorado, a gente namorou quase dois anos. Só que o ruim é a distância, né? Nenhum deles era daqui; era de outras cidades; cidades vizinhas, mas nenhum daqui; (quando a gente se via) ou ele vinha pra cá ou eu ia pra lá.

A outra adolescente que identificamos com expressivo grau de valorização de suas relações virtuais foi

Karina, que tinha 14 anos e cursava o primeiro ano do ensino médio. A sua relação com o virtual demonstrou logo de início características distintas dos demais sujeitos. A diferença nas interações de Karina estava no fato dela fazer parte de um grupo de internautas que se relaciona por perfis *fakes*. O *fake*, também chamado de *on*, é um perfil inventado, nada nele é real, a iniciar pelas fotos do participante que normalmente são substituídas por fotos de modelos e de pessoas famosas copiadas na Internet. Ela também possuía um perfil “real”, que no seu meio é chamado de *off*. Segundo ela, através do perfil *off* ela interagiu com seus amigos de sua personalidade real, a maioria conhecidos pessoalmente, e no *on*, interagiu com outros perfis *fake*, amigos de sua personagem.

Através de seu perfil *fake*, Karina pareceu ter a oportunidade de se projetar na vida que desejava ter; chamava-se Pietra, tinha 19 anos, fazia faculdade de Arquitetura, morava no Rio de Janeiro, namorava um jovem interessante de um perfil também *fake*, viajava pelo mundo e postava fotos de suas viagens, conversava com pessoas que viviam nos mais variados lugares e etc. Ela acrescentou que aprendia muito enquanto inventava suas viagens, escolhia sua profissão e definia as características de sua personagem, pois toda esta montagem exigia muita pesquisa,

exigindo grande envolvimento de seus participantes: “parece vida real mesmo, a pessoa tem que ter criatividade” (Karina).

Karina nos confidenciou que sua personagem *fake* não costuma conversar muito com outros personagens de perfis *fakes*, se reservando a interagir quase que exclusivamente com o seu “namorado”, o que sugeriu que sua personagem havia estabelecido um comportamento de fidelidade com o seu parceiro *fake*. Segundo ela, sua personagem Pietra “já tem um namorado, (...) já é comprometida, então quando você conversa com aquela pessoa é com aquela pessoa, agora no (perfil) *off*, na vida real, já é mais amizade”. Perguntamos então se ela não sentia falta de um namorado de verdade e ela nos respondeu,

Isto vai de pessoa, tem pessoa que é mais sossegado na parte de relacionamento, pra namorar, é mais vergonhosa. Eu já me acostumei. Que nem, tipo, quando eu saio, pra alguma festa, eu fico, se rolar eu fico. Agora no *fake* não, você entra tanto naquilo ali, que parece que é real, parece que você sente, você fica ali e fica ali. Não dá vontade de sair. Parece que você quer ficar ali e acabou.

Karina pareceu se adequar ao perfil de “usuários pesados” da Internet. Disse

passar “sete horas, praticamente o dia inteiro eu fico no computador, no final de semana quando eu não saio eu fico no computador”. Karina ainda significou-se como dependente do acesso as redes sociais, ao dizer que,

Todo dia eu tenho que mexer pelo menos uma hora. (...) agora ficar sem mexer, eu não consigo. Eu acho que tipo se tornou um vício. Pra mim assim eu olho, é viciante. Se eu olhar de fora eu falo que eu tô viciada na internet.

Ao longo da entrevista, Karina se descreveu como uma pessoa que gosta de se comunicar e que tem facilidade em fazer novas amizades. Nos disse que possuía 800 amigos adicionados em sua conta do MSN, afirmando que “eu adiciono mais pessoas que eu conheço, eu não fico adicionando pessoas que eu não conheço; 800 pessoas é bastante, mas é que eu converso bastante, onde eu chego eu já vou fazendo amizade”. Ao longo da entrevista, Karina se demonstrou dinâmica e comunicativa, com excelente capacidade de se articular e expressar suas ideias. Sua entrevista foi a mais longa, tendo sua transcrição três vezes mais palavras contadas pelo *Word* do que a média das demais, o que demonstrou um desejo acima da média de falar sobre este assunto.

### **Algumas reflexões sobre as interações virtuais**

O comportamento de voltar-se para equipamentos conectados à Internet, em especial celulares, ao invés de se relacionar com pessoas ao redor, tem provocado grande preocupação entre pais, professores, especialistas e adultos de forma geral. Pais se preocupam com o tempo que seus filhos ficam conectados, professores disputam com meios eletrônicos a atenção que desejariam ter de seus alunos e muitas pessoas em ressonância com esta preocupação generalizada, retroalimentam ideias do “senso comum” de que eles estariam se abdicando de suas vidas reais à medida que escolhem interagir por relações virtuais.

De fato o desejo de interagir pelas redes sociais se demonstrou generalizado e intenso entre os adolescentes participantes de nossa pesquisa, sendo que muitos deles disseram se sentir viciados em acessar estas ferramentas. Alguns poucos adolescentes se constituíram na exceção ao demonstrarem pouco interesse por estas interações ou ao responderem negativamente a pergunta “se achavam a Internet essencial em suas vidas?”. Mas seria este comportamento realmente prejudicial ao desenvolvimento social e afetivo destes adolescentes, à medida que estariam se distanciando de relações

sociais definidas por este senso como “reais”?

A este respeito as entrevistas realizadas indicaram que 72% dos adolescentes disseram utilizar a Internet para se relacionar com pessoas que fazem parte de seu ciclo social, sendo amigos diretos ou amigos de amigos que adicionam as suas redes de relacionamento. Muitos sujeitos deste grupo ainda repudiaram a ideia de se relacionar com estranhos pela Internet, sob os argumentos de serem relações irreais e/ou perigosas. Desta forma, podemos concluir que para a maior parte dos sujeitos, as redes sociais pareceram mais favorecê-los no sentido de intensificar o seu convívio social, através da ampliação de seu círculo de relacionamentos e da aproximação de seus pares, do que a de provocar-lhes um isolamento. Esta conclusão nos aproxima dos estudos apresentados por Castells (2001) que sustentaram a sua afirmação de que “os usuários da Internet tendiam mais do que não-usuários a se encontrar com amigos e a ter uma vida social longe de casa (p.101)” e que “o uso da Internet aumenta a sociabilidade tanto à distância quanto na comunidade local (p. 103)”.

Por outro lado, para cinco adolescentes, perfazendo um total de 28% dos entrevistados, interagir com estranhos pelas redes sociais não pareceu ser um

problema. Mas quando olhamos para este número com mais cuidado, percebemos que apenas duas das cinco adolescentes identificadas neste grupo pareceram valorizar afetivamente suas relações puramente virtuais de forma significativa, sendo elas Miruna e Karina, as quais dedicamos maior atenção na descrição de suas interações na apresentação dos dados. Estariam então elas correndo risco de se tornarem “dependentes afetivas” de relações irreais? Poderíamos dizer que as relações puramente virtuais de Miruna e o namoro virtual de Karina, através de sua personagem Pietra, estariam prejudicando a sociabilidade destas jovens? E por que elas estariam atribuindo maior valor afetivo aos seus amigos puramente virtuais?

Podemos dizer que as duas adolescentes descreveram para si um comportamento de uso intenso da Internet, demonstrando um certo grau de condicionamento ao dizer que todos os dias tem que “mexer ali nem que seja um pouquinho” ou que a primeira ferramenta que acessam ao se conectarem à Internet são as redes sociais. Obviamente este comportamento de acesso e interação pelas redes sociais é reforçado pelos inúmeros estímulos e reforços positivos recebidos em suas interações, oferecendo-lhes situações de prazer social em uma

intensidade e velocidade que seria inimaginável no espaço e tempo de nosso convívio cotidiano.

A palavra “vício” foi pouco utilizada pelos sujeitos para descrever seu comportamento na Internet, sendo mencionada por apenas três deles. No entanto podemos dizer que a maioria demonstrou uma forte tendência a interagir pelas redes sociais, não importando se fazia parte do grupo que se relacionava exclusivamente com conhecidos ou do que se permitia interagir também com desconhecidos. Esta observação nos leva a pensar que a variável mais importante na modelagem deste comportamento esteja no fato de encontrarem no ambiente virtual o conforto proporcionado pela fluidez do espaço virtual e não no fato de estarem se relacionando com pessoas conhecidas ou desconhecidas.

Poderíamos, portanto, supor que Miruna e Karina encontraram na Internet este ambiente confortável, o que as possibilitou encontrar de forma mais efetiva do que em seus grupos de relacionamentos presenciais pessoas com interesses convergentes aos seus. Bauman (2010) poderia nos ajudar a entender este comportamento quando nos sugere que a fluidez do ambiente virtual é capaz de oferecer maior conforto aos que nele transitam, dizendo que “as relações virtuais

contam com teclas de ‘excluir’ e ‘remover spans’ que nos protegem contra as consequências inconvenientes da interação mais profunda (p.23)”. Muitos sujeitos também pareceram convergir com a tese deste autor ao dizer que se aproximar pela Internet “fica mais fácil que pessoalmente” (Rodrigo).

Aparte os cuidados óbvios que se devem ter com relações iniciadas na Internet, se analisarmos as interações de Miruna (18 anos) sob a ótica de Levy (1995) em suas teorias sobre o que é o virtual, poderíamos dizer que a concretização de seus relacionamentos amorosos se constituiu na objetivação de uma relação que se potencializou no espaço virtual e se atualizou para uma relação amorosa de corpo presente. Foi também na Internet que Miruna encontrou informações que, segundo suas palavras, lhe ajudaram a escolher a profissão ao qual desejaria se dedicar, realizando pesquisas que lhe nutriram o desejo de se formar em agronomia. O reduzido recorte temporal desta pesquisa não nos permitiu acompanhar o desenvolvimento desta decisão, mas no mínimo podemos dizer que a Internet lhe serviu como uma importante fonte de informações, o que aparentemente lhe serviu em sua tomada de decisão.

Neste sentido, as relações virtuais de Miruna e suas pesquisas profissionais se

distanciam da concepção de irrealidade dada pelo senso comum e reforçada pelos autores que denunciam tais interações como uma ponte para o isolamento social e prejudiciais ao desenvolvimento destes jovens. Embora Miruna tenha se narrado como uma pessoa viciada na Internet, o que poderia nos levar a concluir que também compartilhe das representações sobre o “vício da Internet” dadas pelo senso comum, ela também nos trouxe falas sobre o que chamou do “lado bom da Internet”, materializado pelas oportunidades de aprendizagem e de encontros através da WEB. Nas palavras de Levy (1995), “todavia, o real, o possível, o atual e o virtual são complementares e possuem uma dignidade ontológica equivalente (p.136)”.

Enquanto isto, vimos o envolvimento amoroso de Karina, através de sua personagem Pietra. Um relacionamento que pareceu guardar semelhanças com um relacionamento amoroso tradicional, envolvendo compromissos e uma rotina de encontros virtuais. Ao contrário dos relacionamentos de Miruna que se concretizaram presencialmente, seu relacionamento não deveria se desenvolver para encontros fora do ambiente virtual, permanecendo no plano imaginário como determina os protocolos de uma cultura compartilhada

por internautas que interagem por perfis *fakes*.

Diferentemente de Miruna que já alcançara a maioridade, Karina ainda era uma adolescente quando realizamos esta pesquisa, com 14 anos de idade e com poucas possibilidades de realizar encontros românticos. Segundo ela, seus pais não lhe autorizavam ir a shows e festas noturnas e até lhe dizia acreditar ser melhor ela ficar no computador ao invés de se expor aos perigos da rua. Desta forma, Karina parece ter encontrado na Internet uma possibilidade de projetar seus desejos de ser adulta e livre para escolher seu estilo de vida, seu namorado, sua profissão e etc.

Karina também nos relata em sua entrevista que realizou inúmeras pesquisas para construir sua personagem Pietra, aprendendo muito sobre lugares, pessoas e profissões enquanto se divertia. Ela também pareceu narrar a construção de si ao descrever a sua personagem, demonstrando seu interesse por arquitetura, em tornar-se independente e em viajar pelo mundo conhecendo novas pessoas. Desta forma, a construção do perfil *fake* de Karina pareceu se aproximar das suposições de Cairoli (2008) de que os adolescentes utilizam a Internet como um espaço de projeção que os ajuda a construir sua auto imagem e a se posicionar socialmente.

As narrações destes adolescentes sobre suas experiências na Internet parecem convergir com os dados coletados por Leitão (2005) sobre as percepções de psicoterapeutas sobre os impactos da Internet em seus pacientes, de que “as experiências virtuais configuram-se como um importante aspecto do processo de subjetivação contemporâneo” (p.5). Assim, o que percebemos é que para Karina e Miruna, bem como para os demais sujeitos entrevistados, relacionando-se eles com amigos puramente virtuais ou com pessoas próximas ao seu círculo de relacionamento, a Internet se constituiu em um importante espaço de recreação e convívio juvenil, contribuindo significativamente em sua travessia de adolescentes para o universo adulto. Uma travessia que certamente provoca estranhamento aos que cresceram distantes da Internet, mas que se tornou uma realidade para estes jovens pós WEB.

### **Conclusões**

A comunicação em rede se potencializou com o surgimento das redes sociais, tornando o compartilhamento de conteúdos e as interações em rede um comportamento viral. É natural que este fenômeno tenha trazido um forte estranhamento, em especial para aqueles que não são familiares a utilização destas

ferramentas, o que pode ter provocado algumas leituras precipitadas sobre o fenômeno. Os dados levantados e analisados em nossa pesquisa foram convergentes com os apresentados por alguns autores. A respeito do discurso da negatividade denunciado por Nicolacci-da-Costa (2002) e em acordo com os dados levantados em sua pesquisa, percebemos que a maioria dos sujeitos entrevistados em nossa pesquisa revelaram conflitos ao falar de sua utilização da Internet, muitas vezes significando seu comportamento como de “vício”, mesmo quando capazes de falar sobre experiências positivas na WEB.

No entanto o fenômeno demonstrou-se mais complexo do que estas representações podem descrever, o que nos leva a concluir que uma certa precipitação está sendo cometida ao se determinar as implicações deste comportamento no desenvolvimento sócio afetivo destes jovens. A comunicação desempenhada por eles na WEB demonstrou-se dinâmica e produtiva no que se refere a troca de informações, conteúdos e aprendizagem. Pudemos perceber sinais da Inteligência coletiva descrita por Levy (1997) revelada na capacidade de aprender mutuamente através destas trocas. Estes são alguns elementos que enriquecem esta discussão, à medida que indica a fecundidade que estas novas formas de interação podem trazer em termos de democratização do

acesso e da produção da informação e, conseqüentemente, dos benefícios que esta dinâmica pode trazer a formação destes jovens.

Se por um lado nos deparamos com descrições de interações fugazes, com mensagens aparentemente sem importância e contaminadas pela cultura do espetáculo descrita por Bauman (2010), o que revela uma disposição destes adolescentes em se dispor de sua privacidade, de outro encontramos descrições que revelaram a sua disposição em compartilhar suas ideias e reivindicações. Em uma reprodução microscópica dos movimentos sociais descritos por Castells (2001), tivemos a oportunidade de presenciar uma manifestação organizada pelos estudantes na WEB que aconteceu na escola enquanto fazíamos nosso trabalho de campo, o que nos proporcionou uma amostra de como esta geração pós internet é capaz de se contagiar mutuamente em torno de reivindicações latentes de sua realidade.

Em termos de construção subjetiva, concluímos que as redes sociais têm oferecido a maioria destes adolescentes possibilidades consideráveis de multiplicar suas redes de contato, expandir seus horizontes espaciais, ampliar suas fontes de informações e experimentar possibilidades inusitadas de “ser” através da construção de seus perfis. De acordo com Nicolacci-da-Costa (2002b), esta nova

dinâmica de comunicação estaria provocando uma reorganização subjetiva do homem atual, comparável as mudanças provocadas pela revolução industrial. A respeito de um suposto isolamento social que alguns jovens estariam sofrendo ao estabelecer relações intensas pela Internet, não encontramos dados que pudessem comprovar esta tese. Ao contrário disto, estes adolescentes demonstraram uma enorme capacidade de dinamizar e intensificar suas redes de relacionamento.

A respeito dos sujeitos que admitiram se relacionar com desconhecidos na rede, a realização de um estudo longitudinal sobre estas relações puramente virtuais seria prudente para se aferir o quanto estas relações se preservam ou se sustentam ao longo do amadurecimento sócio afetivo destes jovens. Podemos trabalhar com a hipótese de que o conforto oferecido pelo ambiente virtual tenha lhes possibilitado uma maior assertividade em suas interações, lhes proporcionando uma sensação de aceitação maior que a experimentada em seu meio social. No entanto, o que podemos dizer, com base nos dados levantados até o momento, é que embora tenham demonstrado uma pré-disposição em realizar depósitos afetivos nestas relações, sua capacidade para se relacionar com

pessoas de seu meio social pareceram preservadas em suas falas.

Por último, acreditamos que a representação de vício dada pelo senso comum para significar a aderência destes jovens aos meios eletrônicos, em especial a suas interações nas redes sociais, seja inadequada e prejudicial a sua compreensão. Certamente estes jovens estão condicionados a utilização destes aparelhos, que como descrito por Medeiros (2008), os fascina através de suas “cores agradáveis”, seus “barulhinhos”, designers sofisticados e possibilidades inovadoras. No entanto poderíamos reconhecer uma certa nostalgia na incompreensão que temos a respeito da relação da atual geração, quando percebemos que as mesmas representações de dependência não são aplicadas a relação do homem com os demais aparelhos eletroeletrônicos, como a televisão ou um simples chuveiro elétrico.

As relações humanas são construídas sobre afinidades, os diálogos transitam pelas identificações comuns de seus interlocutores. O fato é que a Internet aboliu as barreiras espaciais e temporais que tínhamos como limitador do encontro. Se na adolescência dos adultos pré Internet os encontros com seus pares aconteciam apenas nos locais e momentos predeterminados pelos seus pais, hoje

verificamos um rompimento destas limitações, o que possibilita ao homem pós internet o encontro simultâneo com as pessoas ao seu redor e com as pessoas que habitam o espaço virtual, através de atualizações pelo *Whatsapp*, *Facebook* e tantas outras ferramentas. Compreender

esta nova dinâmica de relacionamentos certamente se constitui em um grande desafio para a psicologia e demais ciências humanas, mas certamente não avançaremos nesta tarefa se nos limitarmos a explicá-las com representações superficiais do senso comum.

### Referências

Bardin, L. (2011). *Análise do conteúdo*. São Paulo:Edições 70.

Bauman, Z. (2010), Edição em Língua Portuguesa (2011). *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.

Cairolí, P. (2009).A adolescência escrita em blogs. Em *Estudos de Psicologia*, v. 26, nº 2, pp. 205-213.

Castells, M. (2001), Edição brasileira 2003. *A galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.

Greenfield, D. (1999). *Virtual addiction*. Oakland: New Harbinger Publications.

Leitão, C. F. (2005). Impactos da internet sobre pacientes: a visão de psicoterapeutas. Em *Psicologia em estudo*. v. 10 nº 3, pp. 441-450.

Lemos, A., & Lévy, P. (2010). *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo:Ed. Paulus.

Lévy, P. (1995), Edição brasileira (1996). *O que é Virtual*. São Paulo: Ed. 34 Ltda.

\_\_\_\_\_. (1997), Edição brasileira (1999).*Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34 Ltda.

Medeiros, R. A. (2008). *Relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo Orkut. Um retrato da modernidade líquida*. Dissertação de Mestrado, FEA-USP, São Paulo.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2002a). Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? Em *Estudos em Psicologia*. v. 7, pp. 25-36.

\_\_\_\_\_. (2002b). Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas. Em *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 18, nº 2, pp. 193-202.

Prado, O. Z., Meyer, S.B. (2006). Avaliação da relação terapêutica na terapia assíncrona via Internet. Em *Psicologia em estudo*. v. 11, nº 2, pp. 247-257.

Young, K. (1998). *Caught in the net: how to recognize the signs of internet addiction*. New York: John Wiley & Sons, Inc.

**Sobre os autores:**

**Fabiano Simões Corrêa:** Mestre em Psicologia pela FFCLRP-USP, psicólogo e pesquisador em Tecnologias da Inteligência e do Virtual. E-mail: [psifasico@yahoo.com](mailto:psifasico@yahoo.com)

**Sergio Kodato:** Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da FFCLRP-USP. E-mail: [skodato@ffclrp.usp.br](mailto:skodato@ffclrp.usp.br)